

**ALFABETIZAÇÃO, IDEOLOGIA E EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO ENTRE O CLÁSSICO  
DOS TRÊS CARACTERES E O CONTEXTO BRASILEIRO**

**ALFABETIZACIÓN, IDEOLOGÍA Y EDUCACIÓN: UN DIÁLOGO ENTRE EL  
CLÁSICO DE LOS TRES CARACTERES Y EL CONTEXTO BRASILEÑO**

**LITERACY, IDEOLOGY AND EDUCATION: A DIALOGUE BETWEEN THE THREE  
CHARACTER CLASSIC AND THE BRAZILIAN CONTEXT**

DOI: <http://10.9771/gmed.v17i1.61949>

Viviane Tavares Furtado<sup>1</sup>

Robson Loureiro<sup>2</sup>

Luceleia Francisco da Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa o *Clássico dos três caracteres* como instrumento pedagógico e ideológico da tradição confucionista, problematizando sua função na alfabetização e na inculcação de valores morais na China imperial. Examina sua trajetória: de pilar moral do confucionismo estatal a alvo das críticas revolucionárias e da perspectiva maoísta, até seu uso atual como símbolo de identidade cultural chinesa. Estabelece paralelos com métodos tradicionais de alfabetização no Brasil, discute as tensões entre tradição, crítica pedagógica e transformação social. Destaca o debate sobre a alfabetização como processo político e a relação entre tradição, modernidade e emancipação.

**Palavras-chave:** Confucionismo. Alfabetização. Ideologia. Educação. Memória.

**Resumen:** Este artículo analiza el *Clásico de los tres caracteres* como instrumento pedagógico e ideológico de la tradición confuciana, problematizando su función en la alfabetización y en la inculcación de valores morales en la China imperial. Examina su trayectoria: de pilar moral del confucianismo estatal a objeto de las críticas revolucionarias y de la perspectiva maoísta, hasta su uso actual como símbolo de identidad cultural china. Establece paralelos con métodos tradicionales de alfabetización en Brasil, discute las tensiones entre tradición, crítica pedagógica y transformación social. Destaca el debate sobre la alfabetización como proceso político y la relación entre tradición, modernidad y emancipación.

**Palabras clave:** Confucianismo. Alfabetización. Ideología. Educación. Memoria.

**Abstract:** This article analyzes the *Three Character Classic* as a pedagogical and ideological tool of the Confucian tradition, questioning its role in literacy and the transmission of moral values in imperial China. It examines its trajectory: from a moral pillar of state Confucianism to a target of revolutionary and Maoist criticism, to its current use as a symbol of Chinese cultural identity. It draws parallels with traditional literacy methods in Brazil, discusses tensions between tradition, pedagogical critique, and social transformation, and highlights the debate on literacy as a political process and its relationship to tradition, modernity, and emancipation.

**Keywords:** Confucianism. Literacy. Ideology. Education. Memory.

### Introdução

O confucionismo, filosofia que estruturou profundamente a organização social, política e educativa da China imperial (221 a.C. a 1912), constituiu-se como base ideológica do Estado por meio da sistematização dos *Clássicos* e da sua inserção no currículo oficial de formação da burocracia imperial. Transmitidos através de livros canônicos, os ensinamentos confucionistas atingiram desde a aristocracia até os segmentos populares, embora de forma desigual e seletiva. Apesar de comumente associado a uma fé religiosa, o confucionismo, ao lado de dimensões rituais e místicas, constituiu sobretudo um sistema normativo e ético que regulava comportamentos e hierarquias sociais ao longo dos séculos, do período *Han* até o declínio da dinastia *Qing*.

Este artigo analisa o *Clássico dos três caracteres* (*San Zi Jing*), utilizado como instrumento de iniciação à alfabetização e ao pensamento confucionista, inserido na tradição educativa infantil chinesa. Escrito durante a dinastia *Song* (960–1279), o manual adquiriu popularidade nas dinastias seguintes e foi posteriormente desaprovado pela Revolução Cultural, iniciada na década de 1950. O texto foi concebido como um manual infantil, destinado a anteceder a leitura dos *Cinco Clássicos* – obras essenciais no currículo para aspirantes a cargos de destaque na burocracia estatal – mas que ao mesmo tempo versava sobre padrões familiares, culturais e sociais daquele período. Além de servir como prelúdio aos princípios morais aceitos, o *Clássico* tinha também a função de iniciar a alfabetização das crianças leitoras, apresenta frases simples através de uma tríade de caracteres, o que originou seu título e aborda uma diversidade de temas por meio de frases compostas exclusivamente por três caracteres; sua leitura e interpretação baseiam-se em métodos tradicionais de ensino, como repetição e memorização.

Ao avançar para além da mera descrição histórica, busca-se discutir as permanências e transformações dessa obra a partir das contradições entre a tradição confucionista, as rupturas propostas pela Revolução Cultural, da perspectiva maoísta e articula sua função pedagógica com os interesses ideológicos subjacentes.

A análise fundamenta-se nas contribuições teóricas de Joseph Needham (2004), em *Science and Civilization in China*; Frank M. Flanagan (2011), em *Confucius, the Analects and Western Education*; e Anne Cheng (2008), em *História do pensamento chinês*. Com base nessas referências, em consonância com o pensamento de Louis Althusser (1987), sobre os aparelhos ideológicos do Estado, problematiza-se a alfabetização veiculada pelo *Clássico dos três caracteres* não como um processo neutro ou universal, mas como um dispositivo de formação de uma consciência de classe submissa, coerente com a manutenção da ordem social estratificada em classes sociais com interesses antagônicos e divergentes.

Somam-se a essas abordagens as contribuições de Cláudia Maria Mendes Gontijo (2011), que, ao analisar os processos de transmissão ideológica na educação, destaca a centralidade das práticas discursivas na constituição de sujeitos alinhados aos valores dominantes. Para a autora, os discursos

pedagógicos não apenas transmitem conteúdos, mas operam como dispositivos de controle simbólico e construção de subjetividades.

Como assinala Harvey J. Graff, “[...] o estudo apropriado da experiência histórica da alfabetização tem mais que apenas um interesse de antiquário; ele tem muito a dizer para análise e formulação de políticas no mundo em que hoje vivemos” (1994, p. 45, *apud* Gontijo, 2011). Além disso, como destaca Gontijo, “[...] o ponto de partida de uma abordagem histórica da alfabetização, como de qualquer outra disciplina ou pensamento filosófico, é o texto” (Gontijo, 2011, p. 105). Essa perspectiva amplia a compreensão do *Clássico dos três caracteres* enquanto artefato pedagógico que, além de alfabetizar, organiza os sentidos e os posicionamentos morais esperados na sociedade confucionista.

A relevância deste estudo, portanto, não se restringe ao campo da sinologia ou da curiosidade cultural sobre a educação chinesa tradicional. Inserir essa análise no debate educacional brasileiro, especialmente em uma revista dedicada ao marxismo e à educação, significa refletir criticamente sobre os processos históricos de formação da subjetividade, da moralidade e da estrutura escolar enquanto aparelho ideológico do Estado, conforme aponta Althusser (1987). A obra *San Zi Jing* (*O Clássico dos três caracteres*) exemplifica, de maneira singular, como os mecanismos escolares e literários podem funcionar simultaneamente como instrumentos para a alfabetização formal bem como de inculcação de valores sociais conformistas a servir tanto à manutenção de relações hierárquicas quanto à exclusão material e simbólica dos seguimentos pauperizados da classe que vive do trabalho.

Para aprofundar a análise, dialogamos com Wilberth Claython Ferreira Salgueiro (2021), que compreende o texto como testemunho histórico-literário, portador de memórias coletivas e inscrito em disputas ideológicas ao longo dos séculos. Salgueiro (2021) ressalta que o testemunho literário, mais do que um relato de fatos, constitui-se como ato de rememoração e inscrição de uma experiência histórica específica: ele carrega tensões entre verdade e representação, ética e estética. Ao mobilizar essa perspectiva, o *Clássico dos três caracteres* pode ser lido não apenas como um manual didático, mas como testemunho cultural da lógica ideológica do confucionismo imperial, cuja memória sobrevive mesmo sob tentativas de apagamento durante os processos revolucionários chineses.

Essa leitura posiciona o texto como parte de uma literatura pedagógica que cumpre um duplo papel: transmitir conteúdos e constituir subjetividades. Como observa Althusser (1987), a escola atua como um dos aparelhos ideológicos do Estado, ao inculcar saberes que naturalizam as hierarquias sociais. O *Clássico dos três caracteres*, enquanto obra literária e educacional, ilustra concretamente essa função: ao mesmo tempo em que alfabetiza, normatiza; ao mesmo tempo em que instrui, disciplina.

Traçar um paralelo entre o método educativo do *Clássico dos três caracteres* e as práticas tradicionais de alfabetização no Brasil – como o uso das cartilhas e da memorização mecânica de sílabas – evidencia que, em diferentes contextos históricos e culturais, os processos de iniciação à leitura foram fortemente marcados por um viés normativo e disciplinador. Conforme observa Maria do Rosario Mortatti (2019), foi apenas no final da década de 1910 que o termo “alfabetização” passou

a ser utilizado para nomear o ensino inicial da leitura e da escrita. Assim como a cartilha *Caminho Suave* (1948), de autoria de Branca Alves de Lima, naturalizou valores e comportamentos enquanto ensinava a ler, o *Clássico* operava simultaneamente como um instrumento de alfabetização e de internalização de valores morais e hierárquicos, apontando para uma função ideológica comum entre culturas distintas. Essa comparação revela que, tanto na China imperial quanto no Brasil, os métodos de alfabetização inicial ultrapassaram a mera transmissão técnica da leitura e da escrita, assumindo o papel de difundir normas sociais e reforçar estruturas hierárquicas.

Como adverte Freire:

Para a concepção crítica, o analfabetismo nem é uma “chaga”, nem uma “erva daninha” a ser erradicada, nem tampouco uma enfermidade, mas uma das expressões concretas de uma realidade social injusta. Não é um problema estritamente linguístico nem exclusivamente pedagógico, metodológico, mas político, como a alfabetização através da qual se pretende superá-lo. Proclamar sua neutralidade, ingênua ou da astutamente, não afeta em nada a sua politicidade intrínseca (Freire, 1981, p. 15-16).

Essa reflexão reforça a atualidade do debate sobre as finalidades da alfabetização e a necessidade de pensar uma educação emancipadora, crítica e capaz de superar os limites impostos por uma formação escolar atrelada à reprodução da ordem social vigente. Além disso, a alfabetização, historicamente, tornou-se um processo atravessado por disputas ideológicas. Ela envolve diferentes campos do conhecimento e expandiu-se para além da leitura e da escrita iniciais, o que inclui dimensões como a alfabetização matemática, científica e literária (Goulart; Gontijo; Ferreira, 2017). Essa concepção reforça que alfabetizar não significa apenas ensinar códigos linguísticos, mas participar da constituição de sujeitos sociais, o que intensifica a pertinência da análise do *Clássico dos três caracteres* enquanto prática de internalização de valores morais e sociais, além de possibilitar traçar paralelos com os processos tradicionais de alfabetização no Brasil.

### ***O confucionismo***

O confucionismo, enquanto sistema ético, filosófico e político, tem como base os ensinamentos de Confúcio (Kǒng Fūzǐ, 551–479 a.C.), cuja atuação como mestre e pensador influenciou profundamente a cultura chinesa. Embora não tenha fundado formalmente uma escola ou religião nos moldes institucionais, Confúcio é considerado o fundador intelectual e moral da tradição que, posteriormente, foi sistematizada por seus seguidores e se consolidou como doutrina oficial durante a dinastia *Han*. Confúcio percorreu diversos reinos nas Planícies Centrais e teria proporcionado aos seus discípulos um contato com a intricada política da região chinesa anterior à unificação imperial. Suas obras se tornaram clássicos da cultura *Han*<sup>4</sup> e, subsequentemente, seus ensinamentos, solidificados como parte integrante da tradição chinesa, abordam diversos aspectos de sua vida, viagens e palestras, registrados por seus seguidores em obras posteriores.

Em seus discursos, Confúcio advogava pela importância da bondade, retidão, etiqueta e sabedoria. Entretanto, ao longo dos milênios, esses valores foram apropriados por uma aristocracia que se considerava superior ao restante da população. Como observa Cheng (2008), a consolidação do confucionismo como doutrina estatal permitiu que a elite utilizasse os valores morais como instrumento de legitimação do poder e de controle social. Com a disseminação da retórica confucionista e a integração dos elementos estatais no império chinês unificado, o pensamento confucionista tornou-se tanto um pilar quanto uma barreira para a ascensão a cargos de destaque, durante o período monárquico, dos segmentos mais pauperizados da classe trabalhadora.

Segundo Flanagan (2011), a maioria dos alunos de Confúcio era homens pertencentes à nova classe dos *shǐ*, que buscava conhecimento formal para promoção nos quadros estatais. O autor descreve assim parte da dinâmica pedagógica de então:

Esses jovens também pertenciam à classe *shi* e buscavam a instrução de Confúcio como um pré-requisito para ingressar no serviço público. Os *Analectos* são o único registro que temos desse grupo mestre-discípulo. O curso de estudo era a busca do valor fundamental e da significância da moralidade, da consciência histórica e dos rituais – uma combinação de habilidade técnica, verdade e tradição. Os participantes se comprometiam com o estudo e a interpretação dos clássicos antigos como fontes de orientação para um comportamento individual correto e uma boa governança. Eles se dedicavam à implementação dos valores e princípios incorporados nos clássicos (Flanagan, 2011, p. 20).

Ressaltamos que os denominados *Clássicos* antecedem Confúcio e atraíam jovens já versados em uma educação elementar para seu conteúdo. Dada a ausência de instituições educacionais primárias estatais por um longo período na China (Jin, s/d), é razoável inferir que esses estudantes pertenciam a famílias com recursos financeiros para contratar tutores especializados em alfabetização. Como reforça Cheng (2008), o acesso ao conhecimento dos *Clássicos* estava condicionado não apenas a recursos materiais, mas a um capital cultural que garantia o domínio das convenções simbólicas e literárias da tradição. As obras conhecidas como *Clássicos* incluem o Livro das Odes (*Shijing*), o Livro dos Ritos (*Liji*), o Livro dos Documentos (*Shangshu*), o Livro das Mutações (*I Ching*) e os Anais da Primavera e Outono (*Chunqiu*).

A complexidade pedagógica associada ao acesso e à compreensão dessas obras ultrapassava barreiras econômicas e sociais, estando enraizada também em contextos culturais, pois:

O tipo de alfabetização necessário para lidar com o chinês clássico das Odes ou da História não era o mesmo exigido para escrever listagens de embarque, inventários, pedidos ou recibos. Em primeiro lugar, o chinês clássico não era uma língua falada: era usado especificamente e exclusivamente para fins literários. Havia o que se poderia chamar de alfabetização ‘vernacular’, suficiente para comunicações e transações cotidianas, mas isso não era relevante para a linguagem das obras clássicas. A linguagem formal escrita nos *Analectos* teria exigido instrução especializada. Como ou quando isso era fornecido, ou por quem era ensinado, não se sabe. Também não está claro quão difundido poderia ser o conhecimento do chinês clássico (Flanagan, 2011, p. 2-3).

Como destaca Cheng (2008), a linguagem clássica operava como uma fronteira simbólica entre as elites letradas e as camadas populares e reafirmava uma divisão de saberes que sustentava a hierarquia social. Dessa forma, a compreensão das obras clássicas chinesas não apenas demandava habilidades linguísticas específicas, mas estava ligada à complexidade inerente de sua natureza literária. A barreira não se limitava às condições econômicas ou sociais, mas penetrava o núcleo da cultura a exigir rudimentos de alfabetização e instrução especializada que ultrapassavam as práticas comuns do cotidiano. A investigação sobre como esse conhecimento era disseminado e a quem era destinado permanece um desafio, pois suscita novas perguntas e possibilidades de análise sobre as particularidades dessa alfabetização. Daí a relevância de estudar o *Clássico dos três caracteres* não apenas como um manual didático, mas como uma peça central na articulação entre alfabetização, transmissão ideológica e manutenção da ordem social confucionista, em consonância com o que aponta Cheng (2008) ao afirmar que ao longo dos séculos o confucionismo construiu um sistema pedagógico inseparável das funções políticas e éticas do Estado.

### ***O Clássico dos três caracteres: características, estrutura e usos***

O *Clássico dos três caracteres* (*San Zi Jing*) constituiu um elemento-chave na educação infantil chinesa ao longo dos séculos. Originário do século XIII, o texto é frequentemente atribuído a Wang Yinglin (1223–1296), estudioso confucionista. Sua aparição remonta à dinastia *Song* (960–1279), período posterior à dinastia *Tang* (618–906), marcada por conquistas militares, ampliação do comércio exterior e transformações nos hábitos sociais devido ao contato com culturas estrangeiras. Com a ascensão dos *Song*, houve uma tentativa de retomada dos fundamentos clássicos do confucionismo, contexto em que se intensificaram as reformas educacionais e culturais. Conforme observa Needham, “[...] sempre que alguém acompanha qualquer peça específica na literatura chinesa, é sempre na dinastia *Song* que se encontra o ponto focal principal” (Needham, 1954, p. 134). Nesse cenário de reforço à tradição confucionista, não surpreende que um manual infantil como o *Clássico dos três caracteres* tenha emergido.

A importância do manual reside no fato de ter sido utilizado como recurso fundamental para a alfabetização em um período da história chinesa. Ele integra um processo educativo coletivo, ainda que excludente: as crianças que participavam das sessões de recitação em grupo, muitas pertencentes a famílias aristocráticas, realizavam leituras acompanhadas de gestos corporais coordenados para manter o ritmo. Esse método rítmico, baseado na memorização e repetição, facilitava a assimilação do conteúdo, embora limitasse a capacidade de análise crítica. Como destaca Cheng (2008), essa prática pedagógica reforçava o caráter normativo da educação confucionista, pois prioriza a obediência e a reprodução de modelos morais.

Tal dinâmica remete, por analogia, aos métodos tradicionais de alfabetização no Brasil, vigentes especialmente entre o final do século XIX e meados do século XX, exemplificados pelas

cartilhas escolares. Segundo Mortatti (2000), esse período foi marcado por uma concepção instrucionista de alfabetização, centrada na memorização, na cópia de modelos e na repetição mecânica de palavras e frases, o que configurava um processo predominantemente reprodutivo e prescritivo. Nessa abordagem, a criança era concebida como um receptáculo a ser preenchido, e o ensino da leitura e da escrita restringia-se ao domínio técnico do código escrito, desconsiderando suas dimensões e determinações sociais, culturais e cognitivas.

Essa perspectiva contrasta com concepções contemporâneas de alfabetização que reconhecem a criança como sujeito ativo na construção da escrita. Como ressalta Ana Luiza Bustamante Smolka (1988), práticas baseadas exclusivamente na memorização e na reprodução de conteúdos desconsideram a autoria e a capacidade de reflexão crítica do aprendiz, uma vez que limita seu papel ao de mero reprodutor de códigos impostos.

Composto por dísticos de *três caracteres*, o *Clássico dos três caracteres* apresenta uma síntese concisa dos princípios fundamentais da moral confucionista. Apesar de conter menos de 1.200 caracteres<sup>6</sup>, o texto abrange as principais características do pensamento confucionista, constituindo uma base para a formação ética das crianças. Os estudantes eram incentivados – ou mesmo obrigados – a memorizar o manual antes de dominarem plenamente as habilidades de leitura e escrita, prática que refletia a centralidade da internalização precoce dos valores morais. A obra organiza-se em cinco partes, cada qual contribuindo para uma compreensão progressiva dos preceitos éticos e culturais.

A primeira parte destaca a crença na benevolência natural do ser humano, enfatizando a instrução, o respeito filial e as interações sociais como fundamentos éticos. A segunda parte oferece um guia introdutório aos textos clássicos confucionistas, evidenciando sua influência na construção da ética e na visão de mundo confucionista. A terceira parte apresenta uma descrição histórica das dinastias chinesas, articulando relações entre o *Clássico dos três caracteres* e o contexto histórico. É relevante notar que o texto sofreu revisões ao longo do tempo, adaptando-se às diferentes realidades sociopolíticas das dinastias em que circulou. A quarta parte valoriza comportamentos exemplares segundo os preceitos confucionistas, propondo modelos de virtude para a prática cotidiana. Por fim, a quinta parte integra os conteúdos precedentes, encorajando os estudantes à dedicação e diligência nos estudos.

Entretanto, a centralidade atribuída ao *Clássico* começou a ser questionada no século XX, especialmente no contexto das transformações políticas e culturais da China moderna. Como assinala Cheng (2008), os movimentos intelectuais do período, entre eles o Movimento da Nova Cultura, passaram a criticar os valores confucionistas enquanto sustentáculos de uma ordem social hierárquica e excludente. A obra, outrora símbolo da educação tradicional, tornou-se alvo de debates sobre sua pertinência em uma sociedade que buscava romper com o passado imperial e promover uma nova pedagogia orientada pela ciência, pelo pensamento crítico e pela emancipação popular. Nesse contexto,

estudar o *Clássico dos três caracteres* revela não apenas sua função pedagógica original, mas também as tensões e disputas em torno da alfabetização e da formação moral na história educacional chinesa.

Tal análise, à luz das críticas de Smolka (1988) e das contribuições de Mortatti (2006, 2019), permite refletir sobre os limites de práticas educativas que priorizam a memorização em detrimento da compreensão e da autoria, provocando reflexões sobre outros paradigmas pedagógicos mais dialógicos e emancipadores. Como enfatiza Mortatti (2006), pensar a alfabetização para além da mera apropriação do código escrito implica compreender a leitura e a escrita como práticas sociais, mediadas por interações culturais e históricas, exigindo que o processo formativo valorize o protagonismo do sujeito que aprende.

### ***Confucionismo, revolução e a visão maoísta***

Antes de entrarmos na questão sobre o desuso e a adaptação do *Clássico dos três caracteres* como porta de alfabetização para crianças, é mister compreender a dinâmica política que envolve esta questão. Em 1936, durante o extenso processo revolucionário que a China passou no início deste século, Mao Zedong (1893–1976) escreveu o poema *Snow* (1936), e em seus versos, o futuro secretário geral do Partido Comunista Chinês e governante máximo do país (1949-1976) revela algumas pistas importantes sobre o pensamento radical de então, quando redige:

Cenário do Norte:

Cem léguas presas no gelo,  
Mil léguas de neve redemoinhando.

Ambos os lados da Grande Muralha  
Uma única imensidão branca.  
A rápida corrente do Rio Amarelo  
É silenciada de ponta a ponta.

As montanhas dançam como serpentes prateadas  
E as terras altas avançam como elefantes tingidos de cera.  
Disputando com o céu em estatura.

Num belo dia, a terra,  
Vestida de branco, adornada de vermelho,  
Encanta mais que corvos.  
Esta terra tão rica em beleza  
Fez inúmeros heróis se curvarem em homenagem.

Ai! Qin Shihuang e Han Wudi

Careciam de graça literária,  
E Tang Taizong e Song Taizu  
Tinham pouca poesia em suas almas;

Aquele orgulhoso filho do Céu,  
Genghis Khan,  
Conhecia apenas o tiro de águias, arco estendido.

Todos já passaram!  
Pois os homens verdadeiramente grandes  
Olham apenas para esta era<sup>7</sup>.

Com um poema sintético, Mao expressou toda sua relação com a China imperial e não poupou nem mesmo governantes *Han*, como Qin Shi e Taizong, ou Genghis Khan, de origem mongol. Mao aponta carências culturais em figuras históricas com acentuada importância durante o período monárquico e enfatiza a grandiosidade da natureza, da beleza da terra e destaca não apenas a magnitude geográfica da China, mas também insinua uma riqueza cultural e histórica do país, além de nomes que tradicionalmente são lembrados pela história oficial.

A mencionada Grande Muralha simbolizaria uma unidade abrangente. Possivelmente alude à ideia de coletividade e solidariedade, valores que seriam caros ao futuro regime maoísta. A referência crítica aos governantes imperiais destaca suas supostas deficiências literárias e poéticas. Além de desmistificar os líderes do passado imperial, Mao os alinha à perspectiva comunista de uma China que superou os erros históricos e as inadequações dos governantes anteriores.

Dessa forma, o poema *Snow* (1936), por meio de suas representações, pode ser interpretado como uma expressão da perspectiva maoísta, que através do exercício revolucionário, pregava sobre a necessidade de ruptura com a tradição imperial e a construção de uma nova China, mais igualitária e culturalmente vibrante. A crítica estende-se ao confucionismo, considerado uma ideologia associada a esse passado imperial. Nesse contexto, esse pensamento clássico é percebido não apenas como uma parte integral da tradição cultural chinesa, mas também como uma fonte de divisão entre a população, que na realidade histórica não teria experimentado plenamente o avanço e as elevações proclamadas por esses valores tradicionais milenares.

Se nem mesmo líderes do período imperial eram exemplos da retórica confucionista, esse discurso, para Mao, estava ainda mais distante da classe trabalhadora. Contudo, paradoxalmente, os mesmos valores confucionistas criticados durante a luta histórica ainda eram inegáveis pilares da civilização chinesa. Esse conflito entre a crítica maoísta e o reconhecimento da importância histórica dos valores confucionistas revela a complexidade e a contradição da relação com esse passado imperial, suas ideologias e uma busca pela transformação nacional da China no século XX.

Fruto de um período marcado por constantes convulsões sociais, a China passou por uma extensa fase preparatória até a efetiva Revolução de 1949. Mao (2020) detalha diversos desses eventos dolorosos, essenciais para a transformação social. Na análise da tentativa de invisibilizar o *Clássico dos três caracteres*, o Movimento de 4 de Maio, também conhecido como Movimento da Nova Cultura, destaca-se como um marco significativo.

A partir da primeira década do século XX, esse movimento já buscava a subversão da denominada “velha cultura”. Um de seus participantes, Hu Shui, já em 1917, delineava aspirações como: “Não imitar os antigos; enfatizar a técnica da escrita; não choramingar as futilidades; eliminar lugares comuns e frases feitas; não usar alusões; não usar paralelismo; não evitar a linguagem popular e escrever com substancialidade” (Xu; Yan, 2023, p. 42-43). Juntamente com outros autores que serão protagonistas das transformações que a sociedade chinesa passará, usavam o jornal *Nova Juventude* para expor essas ideias.

Outro destacado ator desse período, Chen Duxiu, foi mais visceral em sua crítica ao escrever que:

Derrubar a literatura empolada e bajuladora da aristocracia, construir a literatura simples e expressiva do povo; derrubar a literatura clássica obsoleta e pomposa, construir uma literatura realista atual e sincera; derrubar a literatura eremítica obscura e incompreensível, construir uma literatura social descomplicada e acessível (Xu; Yan, 2023, p. 43).

A nova abordagem na escrita e compreensão da sociedade chinesa visava evidenciar elementos previamente negligenciados nas obras clássicas, com destaque, de maneira geral, à classe proletária. O Movimento da Nova Cultura, ao incorporar influências estrangeiras e traduzir obras de outros países, promoveu diálogos com a literatura universal. Além disso, este ciclo de críticas ao confucionismo, que estabelecia padrões rígidos para a sociedade, política e moralidade imperiais, pode ser interpretado como uma extensão dos movimentos revolucionários desencadeados na China após a queda da Dinastia *Qing*, as agressões japonesas (1931-1937) e a Guerra Civil (1927-1949).

Contudo, os agentes impulsionadores desse dinamismo artístico reconheciam a complexidade da tentativa de erradicar completamente o confucionismo, sem abalar profundamente a civilização chinesa como um todo. Apesar da intensidade e violência inerentes ao processo revolucionário, persistem continuidades subjacentes mesmo nos locais onde ele ocorre, num embate onde essa preocupação maoísta é citada em um trecho do discurso do líder revolucionário, quando este propõe uma sinicização do marxismo, buscando extirpar aquilo que é profundamente estrangeiro e afastado da realidade social chinesa (Wang, 1941).

Em um capítulo intitulado “O Movimento da literatura infantil na história da literatura moderna da China”, Jin [s.d] explora a influência do Movimento de 4 de Maio sobre a categoria literária. Para os participantes desse movimento, que conferiu protagonismo ao proletariado, a busca pela libertação humana, especialmente das mulheres e crianças, era urgente.

No contexto imperial e no breve período republicano que o seguiu, as crianças eram praticamente invisíveis, tanto no protagonismo de personagens quanto na ausência de produções realmente voltadas para a infância. Isso se deve ao fato de que a maior parte do material infantojuvenil disponível, mesmo para os membros da elite, restringia-se a manuais introdutórios aos *Clássicos* voltados para adultos. A criança chinesa era então percebida como um “miniadulto”, contrapondo-se à crescente visão entre estudantes e eruditos ligados às massas revolucionárias, que consideravam isso uma negação dos direitos infantis.

Essa percepção da criança como um “miniadulto” também não era exclusiva da China. No Ocidente, Jean-Jacques Rousseau já denunciava que, no processo educativo, tratava-se a criança como um pequeno adulto, ao afirmar: “Queremos formar o homem desde a infância e não consideramos a criança como criança” (Rousseau, 1995, p. 39). Philippe Ariès também observou que, durante longos períodos da história, “[...] a infância era vista apenas como uma preparação para a vida adulta, sem um estatuto próprio” (Ariès, 1981, p. 125).

O Movimento da Nova Cultura envolveu-se na criação de obras voltadas para a literatura infantil e na tradução de obras estrangeiras, provenientes de países onde essa categoria literária era mais desenvolvida que na China. Na busca pela modificação desse panorama, os pensadores desse movimento traduziram clássicos infantis ingleses, franceses e dinamarqueses, mesmo durante uma árdua luta anticolonialista.

Nesse momento, o imperialismo japonês representava a maior ameaça à China, que resultou até mesmo em invasões territoriais e massacres em algumas cidades. Portanto, não é qualquer imperialismo que é criticado, pois enquanto o mundo ocidental, por meio dos produtos da indústria cultural<sup>8</sup>, incessantemente nos recorda dos horrores do período entre guerras, com ênfase especial na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a China vivenciava as ramificações do imperialismo japonês, cuja influência se intensificou progressivamente em sua política e território desde o declínio do período *Qing* (1912) com as guerras sino-japonesas.

As consequências dessa intervenção, que só terminou após a derrota nipônica, em agosto de 1945, deixaram cicatrizes profundas na nação chinesa, sendo um evento que lamentavelmente, permanece invisibilizado para as populações médias no polo dinâmico do capitalismo ocidental hegemônico (Estados Unidos e Europa Central).

Com o objetivo de trazer novas e traduzidas obras para incentivar o protagonismo infantil, essa visão estava centrada na criança e buscava estimular uma linguagem e personagens populares. Como consequência, obras clássicas chinesas que haviam ocupado um lugar de destaque durante centenas de anos, foram removidas de escolas e bibliotecas, dentre elas o *Clássico dos três caracteres*.

Após esse movimento político e social, a literatura infantil chinesa moderna começou a ser desenvolvida mais enfaticamente, a partir da década de 1930. Sobre o *Clássico dos três caracteres*, relatos indicam que passou a ser utilizado de forma doméstica, principalmente em áreas onde o Partido

Comunista Chinês não tinha influência, como as ilhas de Taiwan e Hong Kong, mesmo que tenha sido reeditado pelo pensador Zhang Tayan (1869-1936)<sup>9</sup> com a retirada de trechos que faziam referência à ordem monárquica que havia caído há pouco tempo.

No entanto, a importância histórica do manual persistiu a ponto de o Secretário-Geral do Partido, Mao Zedong, citá-lo em 1964. Mao criticou o livro e o modelo de educação chinesa. O líder revolucionário discursou para educadores nepaleses, destacou os problemas dogmáticos na educação chinesa e pontuou a necessidade de reformas:

Nossa educação está cheia de problemas, o mais proeminente dos quais é o dogmatismo. Estamos no processo de reformar nosso sistema educativo. Os anos de estudo são muito longos, os cursos são muitos, e diversos métodos de ensino não são satisfatórios. As crianças aprendem em livros e conceitos que ficam simplesmente em livros e conceitos; não sabem nada a mais. Não utilizam suas quatro extremidades; nem reconhecem os quatro tipos de grãos. Muitas crianças nem sequer sabem o que são as vacas, os cavalos, as galinhas, os cães e os porcos; nem podem dizer as diferenças entre o arroz, o alpiste, o milho, o trigo, o milhete e o sorgo. Quando um estudante se forma na universidade, já tem mais de 20 anos. Os anos escolares são muito longos, os cursos são muitos, e o método de ensino é por injeção ao invés de ser por meio da imaginação (Mao, 1964, n.p).

Ao mencionar as classificações típicas e os exemplos característicos do *Clássico dos três caracteres*, Mao, que já havia desafiado a capacidade intelectual de governantes célebres do período imperial em seu poema *Snow* (1936), agora, na posição de líder revolucionário, insere o manual escolar no centro de sua crítica à educação chinesa. Essa menção evidencia a persistência simbólica do *Clássico*, mesmo em um contexto que buscava superar os paradigmas tradicionais.

Embora aparentemente banido das instituições oficiais, o manual ainda figurava como referência – ainda que negativa – nos discursos oficiais. Essa permanência revela o paradoxo de uma ruptura que, ao mesmo tempo, não podia prescindir dos fundamentos culturais que sustentaram a sociedade chinesa por séculos. Estaria Mao, ao criticar o modelo tradicional, buscando uma educação voltada para uma consciência verdadeira<sup>10</sup>, que rompesse com as práticas enraizadas? Ao se considerar as contradições sociais do país no período pós-revolução, tudo indica que sim.

Desse modo, a crítica maoísta ao ensino baseado na memorização e à continuidade de métodos tradicionais como o livro *Clássico dos três caracteres* expressa não apenas um embate ideológico, mas também um reposicionamento da alfabetização na China revolucionária: de um instrumento de inculcação de valores elitistas para uma ferramenta potencial de emancipação popular, ainda que atravessado por contradições e tensões inerentes ao processo de transformação cultural.

### ***Considerações finais***

Na China, durante o período revolucionário, a abertura para novas obras infantojuvenis desencadeou um efeito colateral notável: até a segunda década do século XXI, o mercado interno chinês encontrava-se majoritariamente dominado por títulos estrangeiros. A busca por um

esclarecimento literário, como resposta à inércia do segmento durante o período imperial, gerou uma dinâmica que atualmente demanda uma análise crítica e uma perspectiva renovada. Os clássicos infantojuvenis chineses, embora recentes em comparação, enfrentam uma árdua competição com obras como as fábulas de Esopo, os contos de Andersen e os clássicos da Disney, que consolidaram seu domínio ao longo de décadas.

Além dessa disputa com obras estrangeiras, de acordo com Hui (2016), a recomendação curricular para estudantes do quinto e sexto anos sugere a leitura de mais de um milhão de palavras anualmente, fora do horário escolar. Entretanto, a predominância na lista de livros recomendados ainda favorece a literatura estrangeira. Diante desse panorama, no qual crianças chinesas têm mais contato com as fábulas ocidentais do que com suas próprias tradições, compreende-se o surgimento de um movimento de restauração em torno do *Clássico dos três caracteres*.

O ressurgimento do manual, que foi adaptado em vários momentos da história, também serve como estímulo para enfrentar a ausência de escritores chineses dedicados ao público infantojuvenil – uma lacuna agravada pelo desinteresse das editoras em fomentar esse segmento. Independentemente das críticas ou admirações que o cercam, o *Clássico dos três caracteres* permanece arraigado no cerne da nação chinesa.

Não mais visto apenas como um manual pedagógico, o livro passou a ser reconhecido como um símbolo da herança cultural chinesa. Amplamente citado nas redes sociais chinesas, especialmente por pais e responsáveis em busca de apoio pedagógico para seus filhos, o *Clássico* voltou a ganhar visibilidade (Tao, 2022). Professores de escolas rurais passaram a utilizá-lo, enquanto alguns responsáveis expressam preocupações quanto à sua recomendação em creches. Páginas governamentais fazem referência à obra, ainda que com um olhar distanciado, apresentando-a como parte do patrimônio cultural.

Em 2021, durante a cerimônia do *Oscar*, quando a cineasta chinesa Chloe Zhao ganhou o prêmio de melhor direção por *Nomadland* (2021), ela mencionou sua alfabetização baseada no *Clássico*, evidenciando o respeito ainda existente pelo livro:

[...] Recentemente tenho pensado muito sobre o que me faz seguir em frente quando as coisas estão difíceis. E acho que está ligado a algo que aprendi quando era criança. Crescendo na China, meu pai e eu costumávamos brincar de memorizar poemas e textos clássicos chineses. Recitávamos juntos e tentávamos finalizar a frase do outro. Me lembro com muito carinho de um destes textos, chamado *Three Character Classic*. O primeiro verso diz: ‘人之初 性本善’ [que significa] ‘Ao nascer, as pessoas são inerentemente boas’. Essas seis letras tiveram um impacto muito grande em mim quando era criança, e continuo acreditando nelas (Pecora, 2021).

Por outro lado, em busca de uma educação que incentive a autonomia intelectual dos estudantes, há atualmente uma valorização da inovação técnica e científica nas escolas chinesas. Apesar de o país destacar-se mundialmente na publicação de artigos científicos, o governo também volta sua atenção para o fortalecimento da base educacional. Em 2023, o Ministério da Educação lançou um comunicado sobre reformas no ensino básico, afirmando:

Para implementar os requisitos estratégicos do 20º Congresso Nacional do Partido Comunista da China sobre a trindade da educação, ciência e tecnologia e talento, devemos aprofundar a reforma do ensino das ciências nas escolas primárias e secundárias e reforçar a reforma do ensino das ciências em escolas primárias e secundárias em resposta a problemas como muita conversa e pouca ação, e falta de interesse intrínseco dos alunos pela ciência e tecnologia, e fortalecer a aprendizagem pela prática, a aprendizagem pela aplicação e a inovação nas escolas secundárias, estimular a aprendizagem dos jovens, curiosidade, imaginação e desejo de explorar, melhorar a capacidade dos alunos de resolver problemas práticos e desenvolver a alfabetização científica dos alunos (CHINA, 2023).

Ao mesmo tempo em que o país reconhece o legado cultural do *Clássico dos três caracteres* e sua marca centrada na memorização de preceitos morais, subsiste o desafio de conciliar tradição e modernidade. Esse dilema remete às críticas de Smolka (1988) e Gontijo (2011), que, em contextos distintos, também questionam métodos de ensino pautados na repetição e na memorização acrítica. Assim como Smolka (1988) problematiza a visão da criança como mera receptora de conteúdos, e Gontijo (2011) discute as limitações dos métodos tradicionais de leitura e escrita, o debate em torno do *Clássico* revela tensões universais sobre o papel da alfabetização: transmissão ou construção? Obediência ou autonomia?

A reflexão sobre o *Clássico dos três caracteres*, portanto, ultrapassa os limites geográficos da China e estabelece uma interlocução com os desafios enfrentados pela educação brasileira. Embora Cheng (2008) analise práticas de ensino mecânico no contexto educacional chinês, sua crítica permite pensar como processos semelhantes persistem em outros sistemas de ensino. No Brasil, por exemplo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) prioriza competências técnicas e habilidades utilitaristas, o que acirra o debate sobre o equilíbrio entre tradição e inovação, entre memória cultural e emancipação crítica.

De fato, mais uma vez se confirma que disputas por projetos e métodos de alfabetização estão diretamente relacionadas com disputas políticas por projetos para a nação; e que o conhecimento do passado é imprescindível para compreender (de modo realista e fundamentado) o presente e nele atuar (de modo responsável e consequente), a fim de projetar e construir um futuro em que estejam garantidos e atuantes os direitos básicos, sobretudo à educação crítica e emancipatória, de todos os cidadãos brasileiros (Mortatti, 2019, p. 16).

Entre permanências e rupturas, o *Clássico dos três caracteres* permanece como um espelho das contradições de sistemas educativos que, em diferentes tempos e espaços, ainda oscilam entre formar sujeitos críticos ou apenas conformar sujeitos obedientes.

### **Referências:**

- ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2021.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado.** 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.
- ARIÈS, Philippe. **História social da infância e da família.** Tradução Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 06 maio 2025.
- CHENG, Anne. **História do pensamento chinês**. Tradução Gentil Avelino Tilton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CHINA. **Aviso da Direção-Geral do Ministério da Educação sobre a publicação do “Plano de Ação para o Aprofundamento da Reforma Curricular do Ensino Básico”**. Disponível em: [http://www.moe.gov.cn/srcsite/A26/jcj\\_kjcjgh/202306/t20230601\\_1062380.html](http://www.moe.gov.cn/srcsite/A26/jcj_kjcjgh/202306/t20230601_1062380.html). Acesso em: 28 maio 2024.
- FLANAGAN, Frank Martin. **Confucius, the Analects and western education**. Nova York: Continuum, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- GOULART, Cecília Maria Aldigueri; GONTIJO, Cláudia Maria Mendes; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida (org.). **A alfabetização como processo discursivo: 30 anos de A criança na fase inicial da escrita**. São Paulo: Cortez, 2017.
- GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. O método de ensino da leitura e da escrita concretizado no método lição de coisas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 114, p. 103-120, jan./mar. 2011. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 05 maio 2025.
- HUI, Haifeng. China and the world: children’s literature studies as a discipline and its development. **History of Education and Children’s Literature**, 2019.
- JIN, Lili. **História da literatura chinesa moderna e contemporânea (Parte 1)**. Disponível em: [https://jvc.cupl.edu.cn/\\_local/8/BA/13/82FDCB156744AC03863BA6CA00D\\_76E2226C\\_83FD76.pdf?e=.pdf](https://jvc.cupl.edu.cn/_local/8/BA/13/82FDCB156744AC03863BA6CA00D_76E2226C_83FD76.pdf?e=.pdf). Acesso em: 26 jun. 2024.
- LIMA, Branca Alves de. **Caminho Suave: cartilha**. São Paulo: Edart, 1948.
- MAO, Zedong. Mao: O movimento de 4 de maio. **Nova Cultura**, 01 maio 2020. Disponível em: <https://www.novacultura.info/post/2020/05/01/mao-o-movimento-de-4-de-maio>. Acesso em: 14 out. 2023.
- MAO, Zedong. Snow. **Marxism.org**. Disponível em: <https://www.marxists.org/reference/archive/mao/selected-works/poems/poems18.htm>. Acesso em: 10 out. 2023.
- MAO, Zedong. Sobre a educação. **Marxism.org**. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/mao/1964/mes/educa.htm>. Acesso em: 10 out. 2023.
- MORTATTI, Maria do Rosário. **Métodos de alfabetização no Brasil: uma história concisa**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Conferência proferida no Seminário Alfabetização e Letramento em Debate, Brasília, 27 abr. 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf\\_mortattihisttextalfbbr.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf). Acesso em: 04 maio 2025.
- NEEDHAM, Joseph. **Science and civilisation in China**. Cambridge: Cambridge University Press, 1954.
- PECORA, Luisa. Leia o discurso de Chloé Zhao no Oscar 2021 – na íntegra e em português. **Mulher no cinema**. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/videos/leia-o-discurso-de-chloe-zhao-no-oscar-2021-na-integra-e-em-portugues>. Acesso em: 28 maio 2024.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SALGUEIRO, Wilberth Claython Ferreira. **O testemunho na literatura: representações de genocídios, ditaduras e outras violências.** Vitória, ES: Edufes, 2021.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A alfabetização como processo discursivo.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1987.

TAO, Zhonghua. Este Clássico de três caracteres é o livro de iluminação para os discípulos dos Oito Estandartes da Dinastia Qing. **National Ethnic Affairs Commission of the People's Republic of China**, 2022. Disponível em: <https://www.neac.gov.cn/seac/c103391/202212/1159905.shtml>. Acesso em: 10 out. 2023.

WANG, Shi Wei. Velhos erros e novas tendências na questão das formas nacionais de literatura e arte. **Marxism.org**. Disponível em: <https://www.marxists.org/chinese/reference-books/poems-of-struggle/china-wangshiwei.htm>. Acesso em: 28 maio 2024.

XU, Baofeng; YAN, Qiaorong (org.). **Enciclopédia da cultura chinesa.** Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2023.

---

### **Notas**

<sup>1</sup> Mestra em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora nas Prefeituras Municipais de Cariacica e Serra/ES. Pesquisadora do Grupo Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação, Filosofia e Linguagens do Centro de Educação da Ufes (Nepefil/CE/UFES). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8522012726766293> Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-5681-3844>. E-mail: [abulmazar@yahoo.com.br](mailto:abulmazar@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor da Faculdade de Educação da UFES. Pesquisador do Grupo Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação, Filosofia e Linguagens do Centro de Educação da UFES (<http://nepefil.ufes.br>). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1326024270450510> . Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8272-5368>. E-mail: [robson.loureiro@ufes.br](mailto:robson.loureiro@ufes.br)

<sup>3</sup> Mestra em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora e pedagoga da Prefeitura Municipal da Serra/ES. Pesquisadora do Grupo Literatura e Educação (UFES): [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5236518851705282](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5236518851705282) e integrante do Grupo de Estudos em História e Literatura (GEHISLIT/PUC Minas). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6935589344050197>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2097-1053>. E-mail: [franciscolucy@gmail.com](mailto:franciscolucy@gmail.com)

<sup>4</sup> Etnia considerada formadora da tradição cultural chinesa, que ainda hoje constitui a maior porcentagem da população do país (nota dos autores).

<sup>5</sup> Inicialmente guerreiros, esses grupos passaram a ocupar posições por meio da competição com a antiga aristocracia, alcançando cargos civis e militares com base na educação (nota dos autores).

<sup>6</sup> Desde 1956, a China utiliza oficialmente o sistema de caracteres simplificados. Segundo alguns professores, embora existam milhares de caracteres e a contagem varie conforme os dicionários, há consenso de que dominar entre 3.000 e 4.000 caracteres simplificados é suficiente para atingir uma literacia básica na língua (nota dos autores).

<sup>7</sup>Disponível em: <https://www.marxists.org/reference/archive/mao/selected-works/poems/poems18.htm> (tradução nossa).

<sup>8</sup> O conceito de Indústria Cultural, central no pensamento adorniano, descreve a apropriação capitalista da cultura de massas, transformando a arte em mercadoria e submetendo-a à lógica do fetichismo próprio da racionalidade técnico-instrumental instaurada pela burguesia industrial. O objetivo é reproduzir e adaptar o consumidor ao sistema ampliado de alienação social. Como referência para análise, destaca-se a obra *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* (1944/1985), escrita por Adorno em coautoria com Max Horkheimer.

<sup>9</sup> Informação extraída de Tao (2022).

<sup>10</sup> A consciência verdadeira, segundo a perspectiva analisada, seria fruto de indivíduos educados com uma ética sólida, baseada em princípios socialistas, comprometidos com uma educação de alto padrão e com a promoção da justiça educacional (nota dos autores).

---

Recebido em: 18 de jun. 2024  
Aprovado em: 12 de mai. 2025